

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLVII



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras no ano de 2019.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLVII

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Impressão: Gráfica 99

Data de impressão: 2024

ISSN: 0378-116X

Depósito legal: 61370/92

DOI: <https://doi.org/00000>

Fernando Namora e a geograficidade da sua obra: do espírito dos lugares aos diálogos prospetivos

RUI JACINTO

FERNANDO NAMORA, A GEOGRAFIA E A GEOGRAFICIDADE DA SUA OBRA

A obra de Fernando Namora, além de impregnada por uma profunda geograficidade, encerra uma elevada cumplicidade com a Geografia se atendermos ao uso, explícito e recorrente, que faz do termo e à generalidade dos temas que aborda, situados no perímetro desta ciência. Recorde-se, a este propósito, o léxico a que recorre para intitular algumas das obras: *Relevos*, *Mundo* (As sete partidas do), *Mar* (de Sargaços), *Terra*, *Cidade* (solitária), *Montanha* (Um sino na), *Sol* (Os adoradores do), *Vento* (Estamos no), *Pedra* (A nave de), *Rio* (triste), *URSS* (Mal amada, bem amada). A relação íntima com a Geografia é reconhecida, aliás, na hora de balanço duma vida: “Livros sucederam-se a outros livros, correndo idiomas e **geografias** (meu pecado mortal), muitos deles ainda memória dos tempos de aldeão” (Autobiografia, 1987: 40).

A confirmação desta cumplicidade, manifestada desde a juventude até uma fase mais adiantada da vida, pode ser detetada em várias passagens: “o mundo é mudança e não há **geografias fixas**” (verso de *Mar de Sargaços*, 1940); “Na vida de um escritor é preciso conhecer-lhe o “território” e as pessoas que o habitaram”¹. Num outro contexto, adianta que “os meus livros representam quase um itinerário de **geografia humana**, por mim percorrido; as andanças do homem explicam as do escritor”; a Geografia continua presente, noutras circunstâncias, onde emerge e vem à baila sob vários pretextos:

- Quando se refere ao “provinciano de magra bolsa, e num tempo em que viajar era luxo de uns tantos ou estigma de desesperados, levou anos que eu

¹ Jornal sem data, 1988, p. 78.

atravessasse as fronteiras com destino alongado, pois, até aí, fora um ir furtivo à outra margem da raia, em escapadelas de acaso, no ofício de clinicastro de algum camponês **perdido nas geografias**, outras vezes como repórter de dramas, na companhia de contrabandistas arriscadiços”²;

- A propósito de “um giro pelos novos bairros da cidade” em que terá ficado “sem a certeza de estarmos na Portalegre do futuro, desembaraçada dos estigmas do feudalismo rural, se na Amadora carpida pelos ventos. Se num clima frio, se num clima tórrido. Se na montanha, se na beira-mar. É o estilo de não importa onde. Um estilo descaracterizado, efêmero, nascido com as negociatas do volfrâmio e depois feito endemia com a «casa do emigrante», ingênuo e dramático desagravo daquele que, partindo de mãos a abanar, precisa que os outros saibam que o seu estatuto social mudou. **Um estilo sem alma nem geografia**. Pergunta-se quem o criou, assim feião e desvinculado do que o rodeia, e quem lhe instiga ou consente a sementeira”³;

- Ao esboçar a sua *Peregrinação*: “Venho de um ermo que não existe/**nas tuas rigorosas geografias**/venho não sei de onde/e nem lá regressar poderei/porque nunca afinal lhe fixei a exacta/fórmula das suas nutrientes matrizes”⁴; já havia escrito, anteriormente, que “foi preciso descer estes degraus no mapa, da Beira Litoral para a Beira Baixa, desta para o Alentejo, para me obrigarem a esse des-pique sentindo-me progressivamente um estrangeiro no meu país. O alentejano, por exemplo, **limitou a geografia e a vida ao seu mundo**. Se fala dos problemas da nação é dos seus que fala; quando comenta evoluções, crises, interesses, medita apenas nos hectares da sua herdade. Cerrou-se em desconfiança ou em orgulho. Ao que vem de fora não se consentem misturas — é o emigrante, o galego. Se por cá fica, aos filhos e netos ainda se lhes chamará, com a naturalidade do hábito, a Rosa Galega, o Manuel Ratinho, ou o Manuel Galego”⁵.

O percurso pessoal e ficcional de Fernando Namora tem por azimutes Condeixa e Vale Florido (Ansião), Coimbra, Tinalhas (Castelo Branco), Monsanto (Idanha-a-Nova) e Pavia (Mora) antes de passar a observar o Tejo a

² *A Nave de Pedra*, 1975, pp. 304-305.

³ *Sentados na relva*, 1986, pp. 113-115.

⁴ *Nome para Uma Casa*, p. 85.

⁵ *Elogio da minha terra*, in *Revista das Beiras*, 1949, Ano II (Jan.-Jun.), pp. 9-12.

partir duma das colinas de Lisboa. A obra do escritor incorporou este itinerário, assumiu a matriz telúrica dos territórios por onde deambulou e terminou por configurar uma invulgar “geografia literária” daqueles lugares e dos espaços regionais onde se integram. Esta constatação, que nos remete para a relação entre Literatura e Geografia, reforça a necessidade de situar o escritor e a sua obra no espaço e no tempo, assim definida pelo autor: “por muito diferenciada que seja a obra de um escritor, em climas humanos, personagens, temáticas, em todos os seus livros se deteta o mesmo modo de estar no mundo e de o interrogar, o mesmo perseguir de metas. Cada livro seria uma etapa, ou uma incidência, do mesmo itinerário”⁶.

Esta relação, que corresponde a uma discussão antiga no seio da Geografia, não é isenta de controvérsia, como atesta uma nota de Amorim Girão, de 1952, que introduziu o debate desta matéria no seio da Geografia portuguesa: “Acusam-se muitas vezes os geógrafos de literatos, querendo significar que eles desprezam todo o contacto com a realidade, vivendo no domínio da pura fantasia. Fala-se de ‘literatura geográfica’ quase sempre com intuitos de maldizer; e, deturpando muito embora a expressão, também se terá falado de ‘geografia literária’ mais ou menos no mesmo sentido”⁷.

Tanto a Geografia como a Literatura buscam, segundo alguns, por seus métodos e caminhos próprios, investigar, compreender e apresentar a experiência humana sobre a Terra, sustentando ser essa “geograficidade” a verdadeira essência geográfica do mundo. Para os que defendem que toda a obra literária “é essencialmente geográfica implica reconhecer a geograficidade como fundante do mundo e, portanto, de tudo que é vigente. A geografia não é apenas uma forma de ver o mundo (o que também o é), mas é parte da essência do mundo”⁸. Estamos perante debates que se situam na fronteira instável entre campos que recrutam adeptos entre os que contrapõem a racionalidade fria e quantitativa, associada à abordagem científica, ou entre os que valorizam “a poética do

⁶ *Encontros*, p 210.

⁷ Girão, A. de A., Geografia e Literatura. *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, 4/5, Coimbra, Faculdade de Letras, pp. 105-107 (1952).

⁸ Marandola, E., Geograficidades vigentes pela literatura, In: SILVA, Maria A. da; SILVA, Harlan R. Ferreira da (orgs.). *Geografia, literatura e arte: reflexões*. EDUFBA, Salvador, Bahia, pp. 21-32 (2010).

espaço”⁹, manifestando propensão a “uma poética da geografia”, no intuito de fazer surgir “frágil e nova, uma geografia poética”¹⁰.

A obra de Namora, embora datada e possa parecer, hoje, perdida na poeira do tempo, não só tem uma forte identificação com certos territórios (Beira Litoral, Beira Baixa, Alentejo, por exemplo) como retrata ainda melhor diferentes facetas económicas e sociais das comunidades que os habitam. Fornece, por isso, elementos imprescindíveis para compreendermos as suas aspirações, como se vêm e posicionam relativamente aos outros. Pensar um futuro melhor para tais territórios e suas gentes não dispensa a consulta duma obra que reflete, para além das aparências, um dado momento da evolução económica e social daqueles espaços regionais, cujas contradições o escritor acompanhou de perto, como observador atento, empenhado e comprometido. Ao fixar marcas telúricas e perenes da identidade regional e local, não só identificou as suas especificidades como as forças e fraquezas, as oportunidades e ameaças que pairam sobre territórios que o autor viu mudar e adquirir, paulatinamente, melhores condições de vida, enquanto, paradoxalmente, ia perdendo pessoas e densidade demográfica, económica e social.

Importa sublinhar que Namora sempre reagiu a tal estado de coisas posicionando-se contracorrente, ora denunciando (p. ex.: Relatório da Casa do Povo de Tinalhas) ora combatendo um certo obscurantismo reinante, nas crenças e práticas arreigadas na medicina popular ou nas tentativas de reduzir Monsanto a mero ícone, como se fosse possível “congelar um lugar temporalmente visível numa eternidade inexistente”. Esta reação visava evitar que o lugar, ontem como hoje, fosse submerso “sob a espuma da mundialização liberal e da globalização económica”, onde “persistem as correntes, as vagas de fundo, os dinamismos das profundezas eternamente induzidos pela geografia e pelas suas energias telúricas”. As páginas escritas por Namora fixam, pois, um tempo e um modo que vão ao arrepio duma “modernidade” aparente que continua a fabricar “megalópoles todas iguais, é certo, mas não consegue suprimir as geografias”, provando como “a modernidade reduziu a história, mas poupou a geografia”¹¹.

⁹ Bachelard, G., *A poética do espaço*, São Paulo, Martins Fontes, (1957;1993).

¹⁰ Onfray, M., *Teoria da Viagem. Uma poética da geografia*. Quetzal, 2009; 2007.

¹¹ Onfray, ob. cit., p. 89.

ROTEIRO NAMORIANO: O ESPÍRITO DOS LUGARES E A SUA REVISITAÇÃO

A obra de Fernando Namora está contaminada por marcas indeléveis duma vida vivida que permitem estabelecer uma estreita correlação entre o percurso multiterritorial do homem e os diferentes ciclos dum itinerário criativo que o escritor, esquematicamente, demarcou do seguinte modo: “a fase de uma juventude em ambiente universitário provinciano, a fase rural, depois a fase citadina, finalmente a confrontação do homem português com o homem de outros horizontes geográficos e culturais”¹². Situar Namora no espaço e no tempo passa por contextualizar a sua obra, vasta e multifacetada, tecida com tenaz labor ao longo de um largo período; ao fazê-lo percorremos boa parte do país e meio século da sua história, entre o advento da Segunda Guerra Mundial e a adesão à União Europeia. A vivência plena deste itinerário está plasmada em inúmeras páginas que deu à estampa, verdadeiros mapas de um atlas literário onde inscreveu a alma das gentes e o espírito dos lugares onde o escritor criou raízes mais fundas.

Os laivos de atualidade que persistem no legado de Fernando Namora não só conferem uma dimensão intemporal como aconselham a sua leitura, fundamental para melhor compreender o contexto sociopolítico em que foi construído, particularmente importante num tempo em que o pensamento dominante está obsessivamente focado no urbano e procura rever ou tenta apagar a História. A obra de Namora reúne uma feliz conjugação de opostos, é percorrida por uma salutar tensão entre contrários, seja entre o rural e o urbano, nós e o outro, a noite e a madrugada. O autor, que navegou entre a literatura e a pintura, cultivou diferentes modos de expressão através dos quais transmitiu uma leitura do território, o entendimento da relação entre o Homem e o meio, a sua interpretação da interação entre o económico, o social e o político. O seu olhar humanista sobre a vida e o mundo tanto se revelou através da escrita como da obra pictórica; é esse sentimento que percorre tanto as paisagens e as pessoas que pintou como os lugares e as relações sociais que descreveu, bem expresso neste seu *Roteiro*: “ninguém entendeu, e nem tu, estrangeiro,/

¹² *Encontros*, p. 210.

que entre nós não existem cordilheiras/(...) para ultrapassar as fronteiras,/os fossos,/as ironias,/bastaria um só olhar!/(...) vamos misturar o sangue dos rios,/o abismo dos mapas” (*Mar de Sargaços*).

A biografia do escritor é tatuada por acontecimentos e pontuada por lugares que determinaram um processo criativo onde a influência da geografia é equivalente ao potencial que a obra encerra para interpretar, além de superficialidades e aparências, certos contextos locais e regionais. As etapas duma vida ditaram o ritmo da obra e as várias fases dum processo criativo onde a diversidade que tem impressa não abalou a sua unidade: “por muito diferenciada que seja a obra de um escritor, em climas humanos, personagens, temáticas, em todos os seus livros se deteta o mesmo modo de estar no mundo e de o interrogar, o mesmo perseguir de metas. Cada livro seria uma etapa, ou uma incidência, do mesmo itinerário”¹³. As várias etapas deste périplo partem da convicção, como escreveu, que “na interpretação de uma obra nunca se perde em pesquisar o que a vida fez do homem que a realizou”¹⁴. A geograficidade latente na obra de Fernando Namora permite-nos recuar no tempo, percorrer lugares recônditos, visitar o interior mais remoto e profundo, viajar ao acaso acompanhando-o na sua suposta *Peregrinação*: “Venho de um ermo que não existe/nas tuas rigorosas geografias/venho não sei de onde/e nem lá regressar poderei/porque nunca afinal lhe fixei a exacta/fórmula das suas nutrientes matrizes”¹⁵.

O itinerário que propomos sugere uma viagem na companhia de Fernando Namora que se estrutura a partir duma trilogia elementar: *origem*, *peregrinação* (interior e exterior, dentro do país e além-fronteiras) e *regresso* (sempre desejado, nunca plenamente consumado). Este percurso, transversal ao tempo, esboça uma *Rota Namoreana* que se define na confluência do tempo e do espaço, da cronologia com a geografia: a linha de tempo corre em paralelo à definida pelos lugares, parte de Condeixa, em 1919, até declinar, em Lisboa, no início de 1989. A partida rumo ao desconhecido, no dealbar deste ano, também precipita um inconclusivo regresso às origens, insistentemente perseguido, nunca plenamente alcançado, onde a Casa-Museu Fernando Namora, instalada em Condeixa, e o acervo legado

¹³ *Encontros*, p. 210.

¹⁴ *Encontros*, p. 30.

¹⁵ *Nome para Uma Casa*, p. 85.

pelo escritor, não deixam de representar o gesto símbolo da imorredoura esperança de retorno que sempre acompanha qualquer filho pródigo.

Estamos perante uma geografia literária multiescalar que se movimenta entre lugares (Condeixa, Coimbra, Monsanto, Pavia, Lisboa, etc.) e espaços regionais (Beira Litoral, Beira Baixa, Alentejo, Lisboa e seu entorno), entre o país, a Europa e o Mundo: *Diálogo em Setembro* é um bom exemplo desta abertura ao outro, o desejo de superar todas as fronteiras, das literárias às que persistem em compartimentar o conhecimento. O *Roteiro Namoreano* proposto é desenhado a partir da obra do escritor, da sua geografia vivida e do que acabou por ficar consagrado na toponímia, pois Fernando Namora viu o seu nome atribuído a escolas e inscrito em ruas de muitos lugares de todo o país. A viagem física e ficcional que se aponta permite revisitar os principais lugares e paisagens *namoreanas*, fazer diferentes percursos locais e regionais que foram englobados, por comodidade, nas seguintes etapas fundamentais:

1. *Condeixa, a pequena pátria (1919–1934)*. Vale Florido, a Serra de Sicó e a Vila de Condeixa definem a pátria afetiva de Fernando Namora. Condeixa, onde nasce em 1919 e permanece até 1934 quando vai estudar para Coimbra, é lembrada em várias passagens da sua obra, desde *Casa da Malta* a *Nome para uma Casa*, onde este universo matricial está bem presente. A evidente topofilia relativamente à vila, o burgo, como denominava Condeixa, e Vale Florido, aldeia perdida no coração de Sicó, transparece em muitas páginas escritas e em algumas telas pintadas, denunciando uma perene ligação às origens, que nunca rompeu com as ancestrais raízes paternas, que mergulham e se confundem com a escalvada paisagem serrana.

2. *Coimbra, cais de todas as partidas (1935–1942)*. Coimbra foi o “molde”, o liceu e a universidade, a formação académica, profissional, cultural e cívica, das venturas e desventuras do jovem médico que, inesperadamente, se vê abraçado com um doloroso drama pessoal. O *Tempo de Coimbra* foi seminal, de intensa e fraterna cumplicidade, das tertúlias, do ambivalente ambiente académico, vivido entre estudantes e futricas, do acolhimento na maternal casa do João José Cochofel, berço do neorrealismo e Casa da Escrita. Namora faz em Coimbra as primeiras incursões pictóricas e literárias; por obrigação desenha dezenas de caricaturas para vários livros de curso e, por paixão, retrata amigos como Cochofel, Carlos Oliveira ou Alfredo Fernandes Martins (Fred). Foi o tempo do

Novo Cancioneiro e dos *Novos Prosadores*, de *As Sete Partidas do Mundo* e de *Fogo na Noite Escura*, de forjar cumplicidades para a vida, abraçar causas e tomar posições inequívocas contra o tradicional “espírito coimbrão” e uma certa lírica, empenho duma geração que se revelaria decisivo para mudar a paisagem cultural da cidade e do país.

3. *Monsanto, pesadelo e fascínio (1943–1946)*. Tinalha foi poiso breve, mas intenso, lugar onde escreveu, num fôlego, *Casa da Malta* (embora publicado em 1945), livro que já levava na cabeça quando abandonou o seu verdejante Litoral. Aqui iniciou a tarimba e faz a introdução à Beira Baixa, como atesta o Relatório da Casa do Povo de Tinalhas (1943), que contém um interessante ensaio escrito pelo jovem médico sobre as condições sociais, o exercício da atividade e o estado da saúde no meio rural. A passagem para Monsanto acontece no ano seguinte, a vida pessoal encontra um novo rumo ao chegar ao lugar onde “a fraga se torna pesadelo” e “a sombra é azul”. Nestas paragens conheceu ganhões, mineiros, contrabandistas, curandeiros e outros aventureiros, personagens romanescos de muitos dos seus livros. Aqui haviam de levedar *Minas de S. Francisco* (1946), *Retalhos da Vida de um Médico* (1.^a série, 1949) e *A Noite e a Madrugada* (1950); neste calcanhar do mundo, rendido à magia do monte sagrado, criou um verdadeiro observatório de geografia humana sobre este Alentejo Beirão, delimitado por horizontes que se estendem pelas débeis charnecas da Beira, por uma sucessão de patamares, da Campina de Idanha aos Campos de Castelo Branco, que morrem de encontro às longínquas Serras esbatidas contra o céu. Entre pesadelo e fascínio, neste miradouro sobre a *arraia*, iniciou uma peregrinação interior que não terminará, nunca abandonará o lugar em definitivo, aonde irá regressar, insistentemente, como bem atesta *A Nave de Pedra* (1975).

4. *Alentejo, solitário entre malteses (1947–1950)*. Pavia é uma nova etapa dum périplo por amplas campinas, onde o olhar se arrasta e perde em fundos horizontes, conhece o latifúndio alentejano em todo o seu esplendor, convive com a solidão e o isolamento mais pesado, toma consciência da clivagem cultural que distingue o Sul do Norte de Portugal. A este propósito deixou-nos uma referência lapidar: “Que me perdoem os beirões da Beira Baixa e os alentejanos esta meditação de um estrangeiro afeiçoado à sua terra natal; mas não achei assunto neste momento tão solitário com uma renovada crise de adaptação do que este: o de vir falar da experiência de um nortenho num meio estranho, fortemente

individualizado. (...) Foi preciso descer estes degraus no mapa, da Beira Litoral para a Beira Baixa, desta para o Alentejo, para me obrigarem a esse despique sentindo-me progressivamente um estrangeiro no meu país”.¹⁶ O Alentejo de *O Trigo e o Joio* (1954) fecham um ciclo que tem como pano de fundo o mundo rural mais remoto e profundo, onde a gritante desigualdade social convive com a pobreza mais agreste. Contacta na primeira pessoa com malteses e demais deserdados, sobretudo migrantes, tão ratinhos como ele, condenados a suportarem o mesmo destino, obrigados a demandar o Sul na luta pelo pão, contra as precaridades e as incertezas sazonais duma débil agricultura.

5. *Lisboa, entre vivências e exílios (1951–1966)*. Em 1950 radica-se, definitivamente, em Lisboa, quando ingressa no Instituto Português de Oncologia (IPO). Até esta data, além do torrão natal, confinado a uma parcela da Beira Litoral, a geografia de Fernando Namora limitava-se à Beira Baixa, ao Alentejo e a breves viagens a lugares restritos do país. Com a chegada à cidade abre-se um novo ciclo que coincide com o reconhecimento, a nível nacional, entretanto granjeado pela obra do escritor. Foi o primeiro passo para o homem e a obra ultrapassarem fronteiras e conhecerem um imparável processo de internacionalização. A primeira viagem ao estrangeiro, feita em 1952, quando tinha 33 anos, simboliza tanto o início desta nova etapa como a difusão da obra no estrangeiro, que ocorrerá a partir de 1954.¹⁷ *Cidade Solitária* põe em evidência o difícil convívio do autoproclamado campónio com a cidade, período que podemos interpretar a partir das seguintes coordenadas: (i) intensa produção literária, quer poética (*As Frias Madrugadas*, 1959), quer romanesca, adquirindo a cidade enorme centralidade, observando as obras dadas à estampa (p. ex.: *Cidade Solitária*, 1959; *Domingo à Tarde*, 1961); (ii) mudança de registo profissional, passando o João Semana a exercer atividade como Assistente Hospitalar, ficando o médico rural a ter de se confrontar com o ambiente urbano, situação que se irá alterar quando abandona o IPO e a atividade médica, em 1965, para se profissionalizar e tornar escritor em exclusividade. Durante este lapso de tempo aproveitou a experiência granjeada

¹⁶ *Elogio da minha terra*, in Revista das Beiras, 1949, Ano II (Jan.-Jun.), pp: 9-12.

¹⁷ A obra de Namora também viajou, também migrou: em 1954 surge a primeira tradução no estrangeiro, quando *Retalhos da Vida de um Médico* é lançado em Espanha; *Minas de San Francisco* será traduzido em França em 1955 e, dois anos depois, *O Trigo e o Joio* e *Casa da Malta* (1957), igualmente em França.

como médico para publicar *Retalhos da Vida de um Médico* (1.^a série, 1949, e 2.^a série, 1963), *Deuses e Demónios da Medicina* (Biografias romanceadas, 1952, e segunda versão, 2 volumes, 1963) ou, mesmo, o romance *O Homem Disfarçado*, 1957); (iii) o período culmina com a edição de *Diálogo em Setembro* (1966), obra angular e de charneira na trajetória ficcional, pondo em evidência a importância que a viagem assume na obra Fernando Namora.

6. As Sete Partidas do Mundo: viagens aquém e além-fronteiras (1967–1989). A partir de *Diálogos em Setembro* (1966), obra que apelidou de *crónica romanceada*, publica diversos livros que reúnem textos de diferentes géneros e dimensões, elaborados com vários propósitos: há títulos que integraram a série que designou de *Cadernos de um escritor*, outros serão classificados como *crónicas* ou *narrativas*.¹⁸ As viagens passam a ser constantes e este nomadismo acaba por contaminar a obra e influenciar a trajetória literária do autor; era, como sublinhou, uma tendência latente, pois, *Diálogo em Setembro* só “convencionalmente demarcando um novo ciclo da minha obra, foi precedido, em termos de escrita, por *Um Sino na Montanha*, e muitas páginas deste são contemporâneas de livros anteriores. O fermento e o pão lêvedo vinham, pois, de bem longe”¹⁹.

O LEGADO DE FERNANDO NAMORA E OS DIÁLOGOS PROSPETIVOS SOBRE O NOSSO FUTURO COLETIVO

O autor reconhece que a sua obra tem as “raízes na terra, a memória das ambiências da infância e da adolescência, o convívio medular com o povo (não o das demagogias, mas o genuíno), penso que tudo isso repercutiu fundo na minha personalidade e, conseqüentemente, nos meus livros. Família, lugares,

¹⁸ Depois de *Diálogo em Setembro* (1966; Crónica romanceada) publicou na série designada por *Cadernos de um escritor* *Um sino na montanha* (1968), *Os Adoradores do Sol* (1971), *A Nave de Pedra* (1975), *Sentados na Relva* (1986), *Jornal sem data* (1988). Estas obras são, quase sempre, estruturadas a partir de três capítulos fundamentais: *Terras e gentes*, onde discorre sobre lugares visitados ou episódios vividos; *Conversas de acaso*, onde incluiu dissertações sobre temas variados, discurso de circunstância ou reflexões avulsas; *Galeria*, onde destaca personalidades ou momentos que mais o tocaram. Estamos perante um conjunto de matérias, com múltiplos afluentes, a merecer análise mais demorada. Motivados pela viagem, editou dois livros com certa amplitude: *Cavalcada Cinzenta* (1977; Narrativa) e *URSS Mal Amada, Bem Amada* (1986; Crónica).

¹⁹ *Encontros*, p. 72.

pessoas, labores desse tempo, posso talvez resumi-los nesta palavra: autenticidade”²⁰ As descrições impressionantes que faz das paisagens de certas regiões do país e dos modos de viver das suas gentes, presentes no legado Namoreano, são o resultado dum permanente confronto onde “o encontro com os outros é o verdadeiro encontro connosco”. A este propósito dirá Eduardo Lourenço que “Fernando Namora no seu encontro com a Suíça, como romancista avisado que é, descobrirá nela uma Suíça invisível para suíços, mas acima de tudo descobrirá nela e por causa dela um Portugal invisível dentro de muros caseiros. É uma autêntica aventura terapêutica, uma psicanálise de Portugal e do comportamento português que confere a *Diálogo em Setembro* um inegável e raro interesse”. O rasto impressionante que as incursões feitas aquém e além-fronteiras deixaram na obra de Fernando Namora pode ser investigado a partir de duas coordenadas complementares:

(i) *Viagens na nossa terra* sugeridas por obras que nos remetem para Trás-os-Montes (*Um sino na montanha*), a Beira Baixa (*A nave de pedra*) ou o Alentejo. *Sentados na relva*, apesar de conceder espaço significativo a uma viagem feita à Finlândia, não deixa de relatar uma incursão no Alentejo; *Jornal sem data*, por sua vez, embora integre a mesma coleção e inclua referências a Condeixa e a Monsanto, obedece a outra construção pois assenta numa estrutura distinta das restantes publicações igualmente incluídas na série *Cadernos de um escritor*.

(ii) *Viagens no mundo* inclui deslocações que tiveram como destino a Escandinávia e o Norte da Sibéria (*Os Adoradores do Sol*, 1971), Canadá e Nova Iorque (*Cavalgada Cinzenta*, 1977) ou a longa crónica sobre a URSS *Mal Amada, Bem Amada* (1986). Estes dois últimos livros acabam por remeter para um tempo e uma visão do mundo profundamente bipolarizado, construído sob os auspícios da Guerra Fria, cujo colapso Namora acabou por não presenciar quando, em 9 de Novembro de 1989, depois de 28 anos de existência, ocorreu a queda do Muro de Berlim”.²¹

Não será por acaso que Eduardo Lourenço rematou um dos seus ensaios mais emblemáticos, que importa rever e explorar, com uma subtil reflexão onde afirma que “Fernando Namora oferece-nos um espelho incomum para nos vermos.

²⁰ *Encontros*, 1979, p. 17.

²¹ Jacinto, R., *Fernando Namora: o viajante, a viagem e a (releitura da) sua obra*. In Rui Jacinto (2019; Coordenação). *Fernando Namora: itinerário de uma Vida, Geografia de uma Obra*. Edição Câmara Municipal de Condeixa, pp. 228-239, 2019.

Debrucemo-nos nele”. Esta observação, feita a propósito de *Diálogo em Setembro*, mas que se pode generalizar ao conjunto da obra de Fernando Namora, decorre, em boa medida, de “uma memorável viagem, não na asséptica e ultracivilizada Suíça, *carrefour* de banqueiros e intelectuais, mas em Portugal, num Portugal-outro, mas bem conhecido, aquele que cada português transporta com uma obsessão e um temor sagrados nos seus confrontos com espelhos alheios”.²² A obra de Namora, bem ancorada nos territórios por onde deambulou, é percorrida por uma inequívoca transversalidade geográfica e temporal, assenta numa telúrica ligação à terra, facto que torna indispensável a sua leitura a quem pretenda aprofundar tais geografias para além de epidérmicas aparências. As referências que contém são incontornáveis para interpretar o país, decifrar os códigos duma sociedade que, entre as duas Guerras Mundiais, iniciou um processo acelerado de mudança.

A leitura de Fernando Namora impõe-se, ainda, tanto pelo que ela nos interpela como por permitir que nos reencontremos connosco, com as nossas próprias origens, as pequenas pátrias a que ficamos ligados por indizíveis laços e donde, definitivamente, dificilmente conseguimos partir. Acresce a todas estas razões o facto de a obra de Namora fazer a ponte entre o passado e o futuro, facilitar reflexões prospetivas sobre o nosso futuro colectivo, podendo funcionar como contraponto ao pensamento atualmente dominante, que nos invade e impõe a “visão e a obsessão urbanas”, concebida para “pensar o mundo sem os rurais e sem as paisagens”, esquecendo que “a paisagem permanece, persiste, mesmo quando colocada em perigo pelos homens. E o Diverso reside nela, nos campos, visível e identificável nas epifanias naturais, longe dos artifícios da cultura”²³.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 11 DE JULHO DE 2019)

²² Eduardo Lourenço deu a este ensaio o título “Psicanálise de Portugal. À margem de *Diálogo em Setembro*”, publicado em *O Comércio do Porto*, em Abril de 1968, foi incluído como síntese que fecha o *Labirinto da saudade. Psicanálise mítica do destino português*. Gradiva ([1978]; 2001), pp. 179-180. Não terá sido por acaso, pois, que Eduardo Lourenço num dos livros capitais para nos interpelarmos e melhor nos compreendermos, culmina a sua *Psicanálise mítica do destino português* com este ensaio.

²³ Onfray, 2009, pp. 70-71.